

# Citicorp lidera o apoio dos credores ao Brasil

**Washington** — Um consórcio privado americano que tem cerca de um bilhão de dólares de papéis da dívida externa do Brasil não pode bloquear o acordo entre esse país e os bancos internacionais, estimou ontem William Rhodes, vice-presidente do Citicorp e co-presidente do comitê de bancos credores do Brasil. “Confiamos em que poderemos conseguir o acordo de 95 por cento dos credores do Brasil”, sem a participação desse investidor, disse Rhodes. Os 95 por cento é a porção acertada pelas duas partes como “massa crítica”, sem a qual a negociação ficaria sem efeito.

O consórcio em questão foi identificado como a família Dart — que fez fortuna com a invenção do copo plástico na década de 60 — que se nega a aceitar os limites postos pelo Brasil a “mescla” de bônus garantidos oferecidos a seus credores em troca dos certificados da dívida antiga.

O acordo se refere a renegociação de 40 bilhões de dólares da dívida externa brasileira a médio e a longo prazo, com um desconto estimado em 35 por cento, no

contexto do Plano Brady. Rhodes disse que o comitê de bancos se reuniu terça-feira com o presidente do Banco Central brasileiro, Pedro Malan, e o negociador da dívida, André Lara Rezende, e ficaram informados que a documentação do acordo — negociado em junho de 1992 — está pronta e será submetida ao Senado brasileiro dentro das próximas duas semanas. “Esperamos que os bancos começarão a firmar tão pronto o acordo seja autorizado pelo Senado, completar a massa crítica para o final de novembro e trocar os documentos em fevereiro”, informou Rhodes.

Tudo depende, não obstante, de que nesse período o Brasil chegue a um acordo **stand-by** com o Fundo Monetário Internacional e assegure os fundos para a primeira porção das garantias, 2,8 bilhões de dólares, que serão usados para comprar bônus “cupom zero” do Tesouro dos Estados Unidos com um valor nominal de mais de 20 bilhões de dólares. É impossível adquirir esse volume de bônus no mercado, o que significa que o Brasil precisará de uma missão especial, e para

isso o Tesouro terá que aprovar todo o pacote.

**Programas** — Rhodes se reuniu em Washington com o ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, e disse estar convencido de sua determinação para por em prática um programa antiinflacionário severo com o apoio do FMI. “Ele foi muito claro sobre isso”, afirmou.

Interrogado sobre um estudo de uma empresa privada de corretores, que previu uma corrente de investidores de pelo menos três bilhões de dólares para o Brasil uma vez se complete o acordo com os bancos, Rhodes disse que “isso não me surpreenderia em absoluto, pois o mesmo aconteceu no Chile, México e Argentina, e o Brasil é a maior economia da América Latina”.

Recordou que o Brasil tem também muitos vínculos com a África, um continente cuja recuperação provavelmente se acelerará devido a repercussão do fim das sanções contra a África do Sul. “Ali há um mercado interessante, uma grande oportunidade para o Brasil”, frisou.